



O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

3 DE SETEMBRO DE 1960
ANO XVI—N.º 430 Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

África

O viajante que chega, conquanto sejam outros os motivos que o trazem, não consegue desprender-se do turista que há em si.

Os olhos com que vemos uma primeira vez não são os mesmos que nos dão as imagens posteriores. Há por sobre aquela como que uma névoa resultante da desfocação que a imaginação intromete: uma imagem fantasiada que nem sempre coincide com o objecto. Só a sucessão dos contactos objectivos nos vai aproximando da imagem real. Sumiu-se o que era sonho; fica uma impressão mais verdadeira, melhor ou pior, mas sempre diferente da da primeira visão.

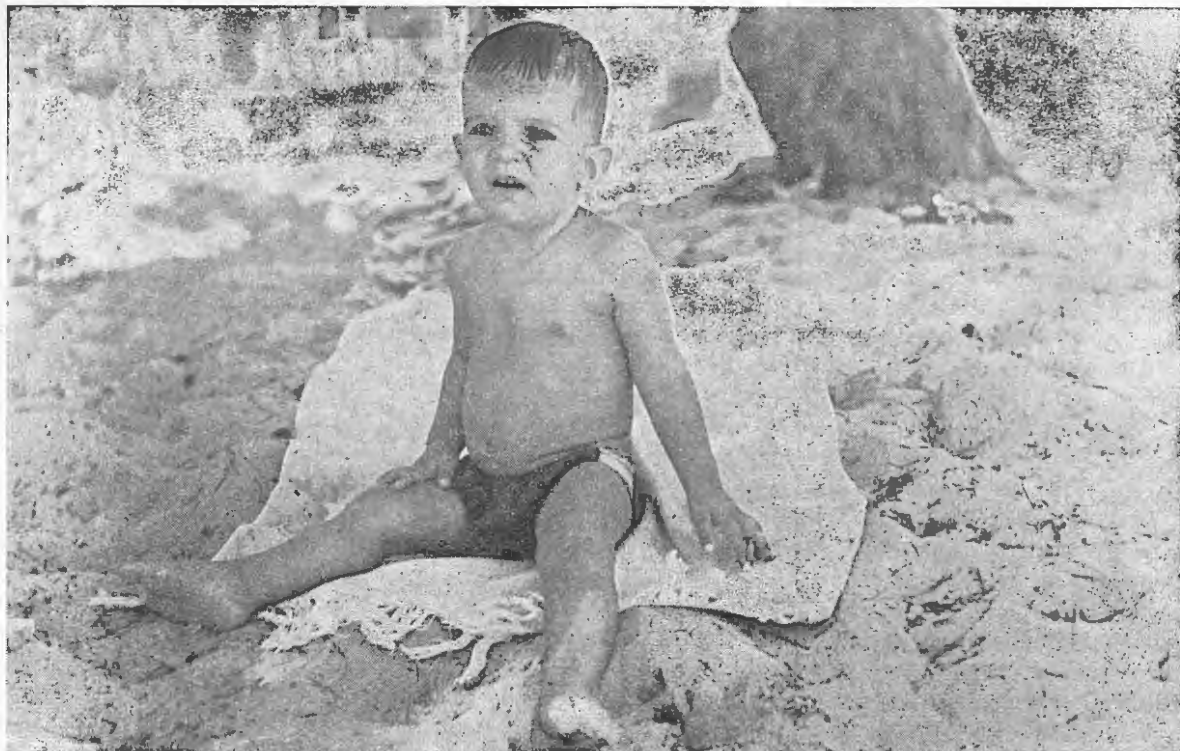
Diziam-me que Luanda era uma cidade progressiva e que estava bonita... Eu fantasiei; mas tanto, não supus.

A curva da baía repete-se nos arruamentos que sobem a encosta adjacente até à zona alta da cidade: os bairros residenciais. Evitaram-se as subidas segundo as linhas de maior declive. Fugiu-se a um geometrismo inatural.

A cidade velha, na baixa, leva jeitos de desaparecer. Novos alinhamentos alargam ruas antigas, a que dão muita graça as arcadas dos novos prédios que as marginam.

A Baixa encontra-se pejada de arranha-céus. Pai Américo em 52, ao falar das nossas cidades ultramarinas, confessava o seu desamor a este tipo de construções. A sua voz não foi ouvida. Como se espaço para ocupar fosse o que falta em Angola, preferiu-se o novo-riquismo de um estilo importado, que pode justificar-se alhures, mas não aqui. A verdade é que o aspecto conseguido enche os olhos do indígena metropolitano recém-desembarcado; mas o desgosto começa a surgir quando ele descobre que «se tirou de onde fazia falta para se pôr onde fazia vista». Aquilo é fictício. A realidade não corresponde àquela

continua na segunda página



Acham que fico bem assim? Esperem. Ah! Do sobrinho Américo Prata, com muitos beijinhos ao querido Padre Carlos!

CHALES DE ORDINS

Após a visita ao consultório médico e à sala de espera dos doentes, vamos hoje à da tecelagem e ao pequenino armazém, situados também no rés-do-chão. A sala dos teares, iluminada por três janelas, é a mais ampla do edifício. Mede 7,10m x 3,56m. Ocupam-na uma urdideira de parede e três teares, cujos pentes medem 1,60m x 1,30m x 1m, permitindo grande variedade de artigos, graças à maquineta, de que dois são dotados. Não se trata duma fabriqueta, mas duma escola de tecelagem... Os teares são manuais, mas permitem bastante rendimento. Um deles será de pedais, sem maquineta, para que as raparigas saibam trabalhar com o tear vulgar e mais barato, que será, certamente, o que adquirirão, quando se forem embora. E mesmo este não é para a bolsa de todas...

Até agora, contando só com um tear antigo e com dois de mesa, que já foram descansar para o sótão, duas mulheres e outras tantas raparigas trabalharam aqui na confecção de tecido para camisola de lã, carpete de farrapo, lençois, mantas de lã para berço e não sei que mais, quase tudo destinado às Casas do

Gaiato de Paço de Sousa e de Beire.

Os novos teares, breve, estarão a funcionar, e já temos uma

Senhora estrangeira a encomendar dois cobertores de lã, sem perguntar por preços. Até nisto quis ser a primeira a ajudar-nos!

Arrumar-se-ão no pequenino armazém as lãs, os linhos, algodões, chales, camisolas, tecidos e verificar-se-á também que a sala é pequena, tal qual se vai vendo que o edifício devia ser maior.

continua na página 2

PATRIMONIO DOS POBRES

Património dos Pobres tem sido uma verdadeira cruzada nos nossos dias. Como na Idade Média, e mais do que então, hoje não são os lugares santos que estão em causa, por estarem na mão dos infieis, mas sim os próprios filhos de Deus que estão em aflições, caídos da sociedade.

O espírito dos obreiros de hoje, tem de ser o mesmo dos cruzados de outrora: o serviço de Deus. Se não fôr assim, não levamos a cruzada ao fim.

Também naquele tempo nem todas as cruzadas chegaram ao termo, nem todas elas colheram o fruto do seu sacrifício. Mas nem por isso, deixaram de ser um serviço de Deus, quando os seus componentes eram rectos de intenção.

Nos Património dos Pobres têm surgido tempestades capazes de derrubar vontades; têm aparecido inimigos armados e difíceis de vencer; têm-se levantado dificuldades prontas a fazer voltar para trás ou a desviar caminho. Já tudo isto sucedeu aos cruzados cristãos. Muitos deles não chegaram ao fim e os trabalhos de alguns foram estéreis. Sabemos pela História que muitos partiam sem espírito; outros, por aventura; alguns, por glórias terrenas; deles, por cobiça de bens materiais. Todos os que foram proucos e partiram pela causa de Deus colheram o fruto do seu esforço, embora aparentemente falhado.

O lema da nossa cruzada de hoje tem de ser o mesmo: Deus o quer. Mais: Deus o exige. Ainda mais: Deus o manda. Quer, exige e manda porque está em jogo a sorte de Seus próprios filhos. Com este lema e animados por estes princípios, não pode haver nada capaz de nos fazer retroceder.

Há tempos um pároco de uma cidade portuguesa pedia para passar e dizer umas palavrinhas aos seus vicentinos que andam um pouco desanimados com o viver de alguns dos seus pobres. Fomos. Era vigília de Pentecostes. A sala parecia o cenáculo e o tema foi o daquela hora: espírito de Amor de Deus. No dia seguinte o Senhor Prior disse que em tudo foi a Providência. Pois quem havia de ser?

Há dias as Criaditas dos Pobres do Porto telefonaram muito aflitas por causa de desordens entre várias famílias do bairro. Nós não estamos aqui para fazer justiça, mas sim para exercer a caridade. Se não prestamos aos pobres, então o caminho é ir-mos embora. Elas estão cheias de zelo do amor de Deus, mas encontram famílias vazias e incapazes de receber o bem. É possível que alguma família tenha de deixar a casa, para convicção sua e exemplo das outras.

Em Coimbra quantas queixas, quantos insucessos, quanto esforço sem resultado, quantos desânimos momentâneos! Por esse Portugal fora, quantos desabafos nós escutávamos e tão cheios de razão! Ai de nós se não soubéssemos que estávamos a servir a causa de Deus!

Quem são os habitantes do Património dos Pobres? — Os filhos de Deus abandonados pelos seus próprios irmãos.

Deus o quer. Por Ele, com Ele e nEle vamos até ao fim desta santa cruzada.

Padre Horácio

ÁFRICA

continuação da primeira página

fachada de abastança. É o resultado de lucros fáceis de empresas que visam o imediato. O café deu euforicamente — e a euforia roubou aos homens a serenidade que lhes dá a entender que ela não é estado de perdurar. Tal oportunidade devia ser aproveitada em investimentos reprodutivos a longo prazo, daqueles em que é preciso semear e suar sobre a sementeira antes que os frutos nasçam. Isto é que é conforme á natureza do homem, filho de Adão — do homem e das suas actividades. Toda a árvore que frutifica depressa, morre cedo. Se o lavrador não planta outras que comecem a dar quando aquelas fenecem — depressa terá muito; depressa terá nada. Foi o que aconteceu. Se os homens, menos ambiciosos e mais inteligentes, acreditassem na efemeridade dos *eldorados* e aproveitassem a oportunidade fugaz que eles são em empresas de crescimento lento mas mais seguro, porque reprodutivas, não se embriagariam com as «vacas gordas» que os levam aos 15 andares, nem a sociedade se veria aflita quando das «vacas magras» pela imprevisão desse tempo.

Em vez de arranha-céus, que nos fazem parecer aquilo que não somos, teríamos outras fontes de trabalho permanente, de menos aparência, decerto, mas de mais rendimento social. Iríamos fazendo uma ocupação mais séria, mais efectiva daquele mundo que o mapa marca nosso. Não seríamos tão atormentados pelas alternâncias de euforia e de crise que são, talvez, na sua maior parte, por culpa da ganância e da inconsciência dos homens.

Chales de Ordins

Continuação da primeira página

Mas, se com nau pequena são tão grandes as dificuldades, que diria eu, se fosse maior? Mais que noutros lados, é bem verdade em Ordins que «grande nau — grande tormenta».

xxx

Têm sido muitos, graças a Deus, os que nos têm ajudado, sobretudo na venda dos chales, todavia nestes acontece que a maior parte das importâncias recebidas vai-nos para a Fábrica das lãs e para os C. T. T. Aos chales vieram somente Mouquim, que promete propaganda, e Cernache do Bonjardim. Não esperemos pelo inverno para os chales.

A campanha do selo colheu, apenas, desta vez 2\$ de Barrosas. Contamos com melhores dias.

Tudo cansa. Até o dar. (São tantos a pedir... pede-se para tanta coisa...). E, como cansa, a gente adormece. Só acorda com um caso daqueles que não parecem banais; que nos fazem revoltar, por não vermos justiça nos demais; que, por bem descrito, nos toca a sensibilidade. Ora, já por várias vezes, tenho vindo com casos desses, que até fariam revoltar o coração das pedras, se não houvera ainda almas bem formadas, prontas a acudir a uma necessidade. Tenho vindo. E Ordins tem sido, então, alvo de muito carinho e generosidade. Pudera continuar, descrevendo casos e casos. Mas não. Vou-os resolvendo em silêncio. Agora, se vem a lume esta *Rua da Caridade, 16*, é confiado na generosidade dos leitores, que não se deixam ir só

pelo sensível, mas, antes de tudo, pela inteligência. A Casa de Jesus Misericordioso fez-se, para resolver tantos e tantos casos de miséria neste lugar e freguesia. Até de freguesias vizinhas já nos batem à porta e atendemos, quando podemos. Se assim, contamos que nos dêem as mãos todos os que podem, para pagarmos as dívidas que sobre nós pesam.

Rua da Caridade, 16: Helena trouxe uma nota das grandes, «para descontar na dívida dos 1.400\$ no talbo». Bem haja, que me livrou de apuros!

Ecoss de Ordins chegaram ao Porto, Alandroal e Paços de Ferreira, que enviaram 100\$ cada «para o ajudar a pagar a dívida que lhe pesa sobre os ombros»!

Foram poucos os que apareceram. Lisboa com 1.000\$ «para ajudar um pouco a pagar as nossas dívidas», diz muito em poucas palavras. Cumprido. Creio que, da mesma proveniência, recebi, o ano transacto, um vale emitido de Fátima. No caso de se tratar desta pessoa, rogo o favor de me escrever, por via duns documentos que deixou algures, ao regressar da Fátima. Caldas da Rainha 50\$ e Barrosas 20\$. De novelas 10\$ de Lishoa.

As nossas dívidas desceram um nadinha:

Estávamos com	25.102\$30
Pequenas despesas	38\$00
	25.140\$30
Dos leitores	1.080\$00
	24.060\$30

Amanhã, querendo Deus, regressam os trocos dum novo interregno... e as contas subirão. Mas, a pouco e pouco, descerão até ao zero, se Deus quiser.

Padre Aires

★ BELEM ★

Bem a meu pesar, têm saído muito «secas» as últimas notas de presenças à Obra. O motivo está na necessidade de poupar o espaço para ir tratando outros assuntos. Hoje não será assim, pois há muito ando desejosa de dar a palavra àqueles que têm acompanhado e tornado possível o desenvolvimento de Belém.

Recebemos em Casa 100\$00 de duas professoras de Lamas, uma delas amiga da primeira hora. De três sacerdotes que nos visitaram, 100 mais 50 mais 20. À porta do Seminário das Missões 20. Casal de Covilhã deixou 100 e outro visitante 50. Recebida a quota mensal da Farmácia Confiança até o mês de Julho. Raparigas de Oliveira do Hospital vieram pela segunda vez e deixaram azeite, feijão, etc. Ralões e milho de Advogado de Viseu. Segunda esmola da Senhora do Engenheiro Balsas. Por duas visitas 500 mais 50. Outra visita entregou uma dúzia de toalhas de rosto.

Para o «ninho dos pintalinhos» outros 500 de Senhora de Viseu. Sarinha, de 15 meses, de Pindelo de Silgueiros, veio a Belém pela mão do seu avôzinho e entregou pequeno mealhinho de barro cheio de moedas para as belenitas. O Avô explicou «que aquelas moedas foram retiradas do dinheiro que ela recebia para guloseimas. Que todos os meninos deviam habituar-se de pequeninos a pôr de parte alguma coisa para as criancinhas necessitadas». E que desse eu a ideia no jornal, para que todos os papás oferecessem aos seus filhinhos um pequenino cofre para o mesmo fim. O mealhinho da pequenina Sarinha continua intacto em cima da minha secretária, pois ainda não tive coragem de o partir. Só o farei quando isso se tornar absolutamente necessário ou então se vierem tantos, tantos cofres que já aqui não caibam... nessa altura chamarei os «pintalinhos» e eles é que tratarão disso. Será uma alegria!

A propósito de cofres, devo dizer que um distinto médico da cidade que muito tem ajudado a vencer dificuldades do começo me pediu um cofre com algum motivo alusivo a Belém, para colocar no seu consultório. Diz ele que faz tantas consultas de graça e que, se lá tivesse um cofre, aproveitaria para convidar os beneficiados a deixar uma moeda para as pequeninas de Belém. Aí fica a ideia e que bom seria se fosse posta em prática em todos os consultórios, casas de comércio, etc. Porém, da minha parte, há uma dificuldade: falta de tempo para criar um modelo bonito de cofre e mandar executar tantos quantos os necessários. Não haverá aí artista que me queira ajudar?

Um vale de 410\$00, de Paço de Sousa, soma dos donativos ali recebidos. Outro de 35, de Gina Maria que nunca deixa rasto. Mais outro

de 100, de Cândida da Batalha. Sarah enviou enxoval antigo de bebé. Duas notas de 20 mais 20 de quem nunca se esquece. «50 para as belenitas com todo o meu carinho pela Obra», do Porto. «Como acabo de receber o primeiro aumento da 2.ª diuturnidade, envio-o integralmente para ajudar a Obra... Vale de 50 de Maria Galvão. De Lisboa, Maria Amélia de sempre comparece com 50 mais 50 de Junho e Julho, «mensalidade que prometi a mim mesma, e quanto Deus permitir o possa fazer». De Cecília de Lisboa, roupas de cama e de criança e novelos de lã em louvor de Santa Filomena. Contribuições de Julho e Agosto de Maria Cecília e seu marido, que também nos deram o prazer da sua visita. 50 de Maria Isabel, pedindo uma oração por uma intenção particular. Roupas usadas e lã em fio de Maria Celeste, de Lisboa. Peças de roupa e um par de sapatos para a menina a que fiz referência ultimamente no jornal. «Agradecendo ao Senhor mais um ano de vida», 50 de «leitora amiga» do Estoril. Maria Helena do Mogadouro enviou 100 em cumprimento de um voto.

«Bem haja pela sua Obra! Mando-lhe aqui 100\$ para ajuda da «matéria prima». Também tenho uma filhinha e sei avaliar por mim todos os seus anseios e preocupações por todas as suas belenitas» — uma mãe Lisboeta.

50 de uma Portuense. «Envio 300\$, quantia destinada ao arranjo da casa para os pintalinhos, dum família de amigos de Abrantes, a banhos na Figueira».

Do Couto de Cucujães duas peças de pano para lençóis.

20 em cumprimento de uma promessa da assinante 3341 do

Porto. Peças de roupa usada e retalhos de Minervina de Lisboa. De duas vicentinas e outra Senhora de Lamego 100 e «que Deus Nosso Senhor continue a ajudar, abençoar e proteger a esplêndida Obra». De Newark, Rosanne enviou setenta e cinco dólares. Judite, de Oliveira de Azemeis, envia «uma pequena máquina fotográfica para treino das futuras fotógrafas-repórteres da Vossa Obra».

«Mando-lhe hoje pelo correio mais umas roupas e calçado das minhas filhas, desejando-lhe sempre para as suas pequenitas tudo quanto é bom, sou — Maria Fernanda».

Acabo de ler «O Gaiato» de 6 do corrente e, por conseguinte, o seu urgente apelo. Embora não possa contribuir com oferta de vulto, como desejava, apresso-me a enviar uma migalha (50\$) que espero seja uma das muitas que choverão sobre Belém — Cândida Maria». Quanto à pergunta que esta amiga faz sobre os livros necessários às belenitas, no próximo ano escolar, agradeço me envie a direcção, para poder responder por carta. 40 de Maria Leonor com estas palavras: «Que continui sempre a corresponder à grande graça da generosidade que o Senhor lhe deu e que Ele lhe dê sempre as suas melhores e maiores graças, para si e todas as belenitas e que venha a ter almas dedicadas que a vão auxiliar, são os meus votos sinceros!» — Deus a ouça!

Aqui termina a nota de tudo quanto foi recebido em Belém, até ao dia 20. Se algo foi depositado noutras casas, a seu tempo darei notícia.

A todos um bem-haja da,

Inês — Belém — Viseu



★ FACETAS DE UMA VIDA ★

Continuação do número anterior

Perguntaram-lhe um dia os doutores da Lei de Moisés: Mestre, a Lei manda perdoar, sete vezes aos nossos irmãos, e tu que dizes? — «Não sete, mas setenta vezes sete — (isto é, sempre). E disse mais: «Quando entrardes no templo a orar e sentirdes no vosso coração algum agravo para com vossos irmãos, deponde a oferenda e ide reconciliar-vos com ele primeiro, porque só deste modo a vossa oração será ouvida». Trouxeram-lhe os doutores a Lei um dia uma mulher pública, adúltera, para que Jesus a mandasse apedrejar, segundo a Lei de Moisés. Jesus, no entanto, perguntou aos doutores: — «Porque desejais castigar esta mulher?» — Porque é adúltera. «Então, disse, aquele de vós

que não tiver pecados, seja o primeiro a lançar a pedra». Todos se retiraram, conta o Evangelista, e ficou Jesus só com a pecadora. Perguntou-lhe: «Mulher, que é dos que te acusavam? Não te castigaram?» Não, disse ela. — «Pois também eu não te castigo. Vai e não peques mais». Um dia, censurado Jesus por ter visitado um mau Publicano (Cobrador público dos impostos romanos) disse: — «Eu vim procurar os pecadores, não os justos». Dizia em muitas das suas práticas ao povo: «Eu quero misericórdia (uns para com os outros) e não sacrificios (de sangue, como era uso naquele tempo)». Vê como a doutrina de Jesus é eivada de amor, ou melhor de caridade?

Quer ver como entende bem este amor espiritual? Suponha por



Eram seis horas da tarde daquele maravilhoso dia de sol. Bandeiras, o chão atapetado com serrim tingido e muitas flores. Por entre a densa ramagem da nossa avenida principal coberta de carvalhos, papéis multicolores, dão ar festivo ao ambiente. Pequenos, grandes, médios, novos, velhos, em denso regosijo pelo *Enviado* que regressa.

Os tamboreiros com gaitas de fole. Passam as posições sociais. Cesam os egoísmos, para dar lugar à unidade numa Obra Universal, como é a Obra da Rua. Para além de todas as tempestades que se desencadeiam em todos os cantos do orbe, aqui reina a Paz porque se procura dilatar o Amor. Muito bem tudo estava. Tanto que o Mestre, trazendo Pai Américo pela mão, também veio. É verdade, pois todos nós o vimos... Naquela velhinha que ali esperava desde manhã e dava o ósculo da paz... Nos sorrisos abertos, de puro júbilo... Nos abraços que se estreitam... Nas carícias das batatas, onde vive a SS. Trindade que o Senhor Padre Carlos não se cansava de saudar.

Júlio Mendes que trazia ao colo seus rebentos, o Avelino, Manuel Pinto. Pais, filhos, netos, trabalhadores das áridas terras neste tempo de estio todos acorreram a estes caminhos! E todos prometeram ser *Caminheiros*, na simplicidade do nosso terço, rezado na capelinha. Faces iluminadas, mãos que se apertam

Dia grande

com confiança, corações a estreitarem-se, onde a alegria da Mãe Irene e Senhor Ferreira que sobremaneira estimamos contagiam todo este pequeno mundo. As oficinas, os campos, os próprios ares vestem suas melhores galas. Os passarinhos, que também são da família, com seus trinados melodiosos. As ramadas e árvores peçadas de fruto, os campos em flor, as águas que rebrantam e nos deliciam em seu cantar, nos ciciam baixinho, meigamente que são muitas as bênçãos.

Os Pais. Toda a família. Hossanas que a aldeia entoava em toda a sua beleza e extensão. Por eles, por todos nós, é que a África foi calcureada em peregrinação dos pais por amor dos filhos. As noites de insónia. Dias de grandes tempestades. Dos que não ouvem o chamamento, nem dão fé do pôr a mesa. Sentinelas vigilantes que estão alerta a todos os ataques e quantas vezes tristemente vêem ruir os castelos que levaram tantos anos a construir. Mas todos estes sacrifícios,

todas as noites passadas em claro, em permanente vigília, depois de decepções sem conta e de inúmeras leviandades, valem sempre a pena. O Pai nunca deixa de o ser. O que o é na verdadeira acepção do termo, não abdica nunca. É-o e sofre sempre. É Pai em todas as circunstâncias da vida. Nunca se perde o que por bem se faz. Temos diante de nossos olhos mortais e pecadores, a prova disso!

«Não usam hábito. Não fazem votos. Não têm residência. Nem família, nem amigos, nem campos, nem interesses, nem nada. São pobres; pobres por devoção. Devem ser firmes e resistir com toda a confiança à tentação do pecúlio, quer ele venha de dentro, quer de fora. Não se pode mentir ao Espírito Santo, como outrora fizeram alguns aos pés dos Apóstolos e pereceram! Pobreza heróica e dolorosa, amada por amor da pobreza de Cristo, de cuja fidelidade depende a suficiência perene das coisas neces-

sárias à vida, quer na doença, quer na velhice. Duvidar é recuar».

É uma herança do Mestre. Aqui a damos para que a nossa persistência seja na realidade palavra de ordem e que os recuos não sejam tão pronunciados. Vir tudo nos momentos eufóricos, também é sinal de desequilíbrio.

Foi muito grato para nós todos aquele 23 de Agosto, de uma tarde mui bela com os raios de sol que, multiplicando-se em todos os sentidos, nos marcavam a presença de *Alguém* nesta tão linda como portuguesa Aldeia. Nos doces repuxos dos lagos, nos canteiros engrinaldados de doces pétalas com todo o seu encanto e formosura, onde se enquadram as casas, , fofos ninhos que a todos deixam presos para sempre. Os louvores da doce brisa à mistura com rosmaninho que nos prendem os sentidos!

O jantar foi de festa e não faltou a orquestra regional dos do campo que esteve muito bem. O refeitório estava com o apurado jeito e gosto do Américo. Pai Américo presidia. No salão de festas, uma pequenina reunião que completou o resto do dia e onde mais uma vez se pôs à prova a alegria e satisfação de todos e deixou que falassem os corações.

Daniel

um momento que E. B. era um homem cujos atributos de sabedoria, bondade e justiça excediam todos os nossos conhecimentos. E suponha mais que por essa razão e só por essa razão, todos os súbditos o amavam e adoravam. Mas os súbditos sabiam perfeitamente que, se se não amassem mutuamente, caíam no desagrado do seu Chefe, e por isso, para o não magoarem, suportavam-se o melhor que podiam. Ouça S. Paulo aos cristãos de Éfeso, a este respeito: «Irmãos, levei os trabalhos uns dos outros, suportai-vos, e assim cumprireis a Lei do Senhor». Ora bem; e o que é necessário na comunidade, para se dar a paz colectiva? É necessária a luta individual. Custa muito sofrer os outros em espírito de paciência Evangélica, S., mas é preceito do Senhor. Ele disse:

«Na vossa paciência possuirdes a vossa salvação». É sobre as lutas internas de cada um, também está escrito nas letras dos Evangelhos: «Eu vim trazer a luta e não a paz». Compreende perfeitamente que se trata de luta individual e não da colectiva. Ora bem; e qual é o estímulo nas nossas forças, para podermos lutar e contradizer a natureza, todos os dias? É a fé sobrenatural, que nos mostra os mistérios da doutrina cristã, Jesus continua falando sobre a caridade, sobre o amor e diz assim: «Amai os que vos perseguem, fazei bem aos que vos fazem mal, orai pelos que vos caluniam». Está vendo que à luz da razão humana, esta doutrina é deprimente, vexatória, repugnante e impraticável. E assim lhe dizia eu há pouco que as lutas pela

perfeição Evangélica, por ser esta mais perfeita, são infinitamente mais difíceis do que as pela vida natural. E por essa mesma razão, se o homem não fôr assistido pela força sobrenatural das virtudes sobrenaturais, nem vê essas perfeições nem é capaz de trabalhar para as alcançar. Está escrito que Jesus disse um dia aos apóstolos: «Sem mim nada podeis fazer». Isto é para todos. Sem Ele nada podemos fazer na vida sobrenatural, pois esta é diametralmente contrária à natural e é justamente por isso que os heróis do cristianismo são com lógica chamados loucos pelos heróis do mundo. Isto que lhe exponho é claro como a água corrente, creio eu.

(Continua no número seguinte)
Américo de Aguiar

Campanha de Assinaturas

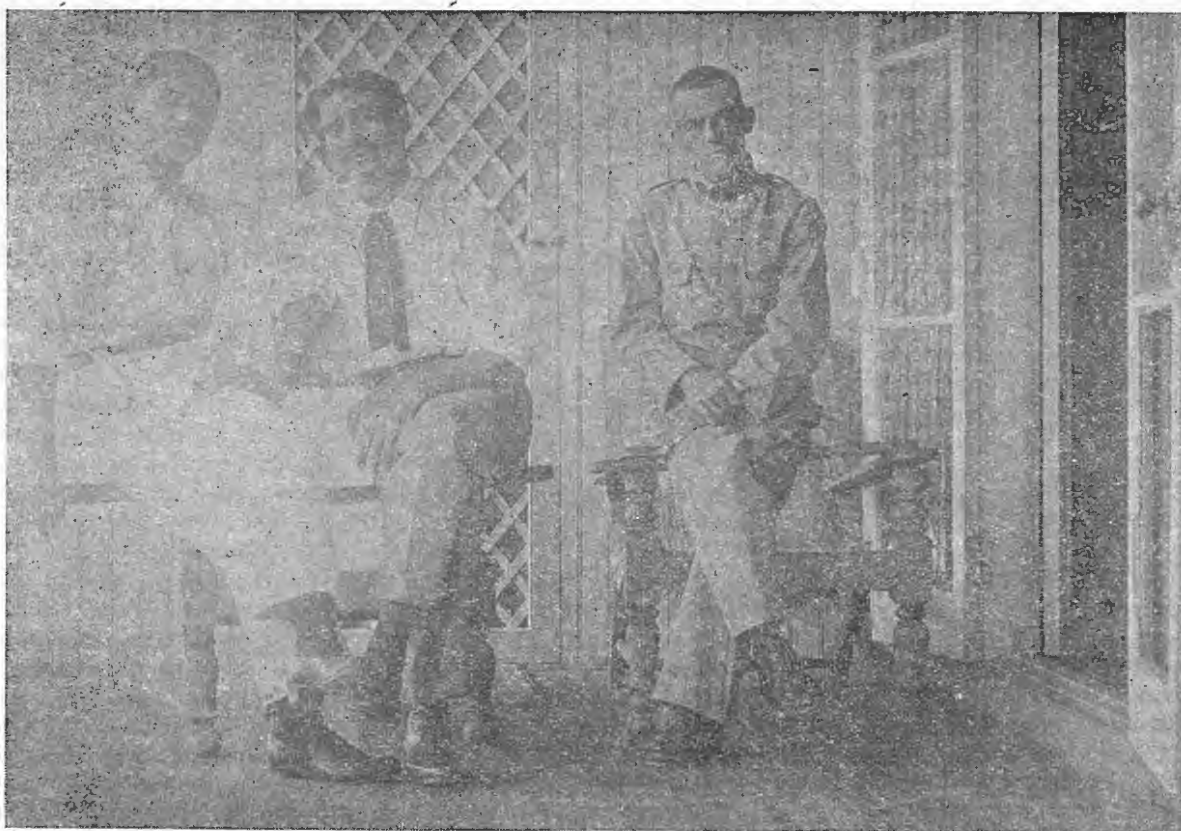
Lourenço Marques portou-se bem. Além da série de novos assinantes que já despachámos para Paço de Sousa, temos aqui em nossas mãos cento e tal deles! E isto compreende-se. Depois do encontro no «Manuel Rodrigues» a sessão realizada no estádio de Malhangalene, onde havia mais de 1.500 pessoas, gerou naturalmente um entusiasmo mais acentuado pela campanha. É gente que telefona. Outros que entregam listas na rua. Outros, ainda, que fizeram girar, em cadeia, uma folha de papel de 35 linhas que havemos de levar pejada de futuros leitores.

Não vai perder-se o fogo que abrasou milhares e milhares de corações. Não vai perder-se. Quando o Famoso começar a ser recebido pelos novos assinantes o incêndio espalhar-se-á. Eu não duvido. Mesmo os que ainda não conheciam a Obra da Rua, nem a sua Mensagem, tocados pelo que ouviram, mais tocados pelo que não-de ler no *Gaiato*, tornar-se-ão arautos apaixonados da Campanha que encetámos pela nossa África.

Entretanto, nós esperamos muito de todos aqueles que ao longo do nosso itinerário se comprometeram a receber inscrições de novos assinantes. Foram almas que, espontaneamente, se ofereceram e que eu tenho medo de esquecer algumas. Lembro-me, por exemplo, em Angola, dos beneditinos de Vila Luso. Que saudades temos deles! Lembro o Pároco de Silva Porto e de Benguela. E nesta costa, nesta Província de Moçambique, os Párcos de Nampula, Ilha de Moçambique, Lumbo e Vila Pery. O Senhor Padre Reis, pároco de Silva Porto e grande entusiasta do *Gaiato*, deseja até que o Avelino faça uma lista de todos os assinantes que por lá temos para servir de nosso depositário! São gestos que não podemos deixar de realçar para que produzam frutos entre as almas que podem devotar-se à propagação deste *desordeiro* que tanto bem vem espalhando em todos os recantos da nossa querida Pátria.

O Senhor Padre Carlos há-de falar. Mas já agora eu aproveito a oportunidade de avisar todos os nossos leitores de Moçambique e Angola que deixamos conta aberta no Banco Ultramarino da Beira e de Lourenço Marques e no Banco de Angola em Luanda para que, na devida altura, desejando liquidar as anuidades da assinatura do jornal possam aí depositar as importâncias e depois enviar para Paço de Sousa o talão do depósito com as indicações necessárias para se dar baixa nas respectivas fichas. Assim, e em face das grandes dificuldades em transferências, o assinante fica melhor servido e não tem que sofrer a maçada, por vezes inglória, de mandar a importância que desejar. Os senhores tenham a bondade de registar esta inovação e não se incomodem mais com as dificuldades de transferências.

JULIO MENDES



Dai Américo, quando em África, no meio de dois dos seus melhores amigos.

AGORA

Deixei a Procissão recolhida ao iniciar a minha peregrinação por terras da nossa África; mas muitas vezes a lembrei e lhe fui buscar este e aquele dos mais devotos, luzes vivas postas no candelabro para iluminar os que me ouviam.

Deixei-a mesmo ao partir. Hoje, primeiro dia do meu regresso, retomei-a cheio de saudades e vou sair com ela.

O primeiro reparo é muito agradável: a quantidade das presenças. Às vezes vem o verão, com ele as férias e as pessoas dão férias também à Caridade. Pois aqui não senhor. Procissão cheia, e tão cheia de testemunhos do divino, que deixa rasto luminoso e mais me apetecia chamar-lhe procissão de velas. De velas, disse. Mas acrescento: de *velas vivas*—que fartinho está o mundo de cera a arder em vez dos corações!

Aparece já o grupo dos pessoais: É o do Grémio de Panificação com 190\$00 mai-lo da HICA, com 1.922\$30, mais 1.960\$50, mais 1.962\$90 E, como já é tradição, o pessoal arrasta a empresa e cá temos nós a Administração da HICA com 14.172\$40, tanto quanto os seus empregados juntaram no primeiro semestre.

O pendão dos eventuais é que traz hoje poucos representantes. Que bom! Quem dera que todos estes se habituassem e fizessem da sua presença uma necessidade!

Pois nesta categoria, surge «A Renova» com 1.000\$00 e uma transferência de Lisboa, que Padre Zé Maria não discrimina, de 14.500\$00.

Também não é dos mais numerosos os que pegam em conjunto ao andar da sua devoção: Parece que há mais ânimo em pegar sózinho a uma fogaça!...

Ora aí temos:

Para a Casa dos Professores Primários, 20\$00 de N. E 20\$00 e mais 50\$00 da mesma N. para a «Casa Rainha das Virgens», com «pena que ela vá tão devagar». Outros 20\$00 de «uma doente tuberculosa» para a Casa de Nossa Senhora de Lourdes, «pedindo ao Pai do Céu para que elas se multipliquem».

Este testemunho em linguagem muito cristã:

«A lembrar o dia 16 de julho de 1956 — de alegria no Céu e saudade para nós — envio a importância de 100\$00, que se destina a uma pedra da «Casa Nossa Senhora do Carmo». Procuo testemunhar a minha gratidão a Pai Américo, recordando assim, embora muito imperfeitamente, o aniversário da sua partida para o Céu.»

Finalmente, 40\$00 para a Casa do meu aniversário, «de cujo alvitre tomei conhecimento».

Como parece que poucos o tomaram, aqui repetimos a sugestão: Que na festa do aniversário, que quase todos fazem, não falte entre tanta mundanidade que nasce e morre nesse mesmo dia — que não falte uma lembrança dos que não festejam anos, entre outras razões por falta de lugar onde. Menos uns doces, um bocadinho de poupança nas prendas — e aí temos nós o tri-

buto mais feito de amor que de dinheiro, para a Casa do meu aniversário.

Vão aparecer agora os de todos os meses: os 20\$00 «referentes ao tabaco a menos durante o mês findo»; em 5/7 e em 5/8, 100\$00 de Coimbra, com pedido de orações. «Uma sem importância» com os seus 20\$00 mais 50\$00 «por cada mês de idade de meu filho». 200\$00 «para a implantação da VIII e IX Cruz da minha Via-Sacra».

E agora é o grosso da Procissão: os das casas a prestações. É o do plano decenal, mai-lo da Casa Carolina com 200\$00 da 3.ª prestação e muitas desculpas (aliás justificadas pela demora no envio e «por tanto o massar»). Quem seria capaz, por si, desta delicadeza, se não fôra Deus a amar os homens, no coração dos outros homens?!

Helena terminou com uma bolada de 1.700\$00 a sua 1.ª casa. E, «com muita alegria e gratidão», já começou a segunda, que vai chamar-se de S. Francisco e fica em 400\$00.

600\$00 da Maria Rosalina para a Casa «À minha Mãe». São as mensalidades de Janeiro a Junho. A 4.ª de 500\$00 para a «Vivenda de S. José,» de Mutuali.

Outro casal contagiado por esta necessidade de dedicar aos Pobres o que transborda do seu amor conjugal: «Venho hoje mandar a 1.ª prestação mensal, que eu e meu marido nos propomos fazer continuar até ao necessário para uma casa».

Outro casal que manda 250\$00 e termina a sua carta desta maneira tão simples, quão carregada de ternura. «Quem vos escreve — hoje e sempre — é Maria. Mas quem assina com amizade costumada e redobrada é Maria e Manuel».

O assinante 6.790 aparece pela 52.ª vez e queixa-se de que não tem tido notícias. Ora sempre que as temos dado (e não é mais vezes por causa do espaço no Famoso!) nos lembramos de o termos incluído

Outro casal. (E não ficamos por aqui, se Deus quizer!). É o casal assinante 28562 com a 21.ª prestação relativa a Junho. Mil da Casa que lembra o mistério do Nascimento. Setecentos, a juntar a 1.500\$00, para a Casa de S. Francisco Xavier, de Lourenço Marques.

A «Casa Ana e João» fica em 6.660\$00. Vinte para a «Casa de S. Carlos» e «eu é que sou a obrigada, por uma oração vossaa, pedir uma graça que muito desejava alcançar.»

3.ª prestação de 100\$00 para a casa do António e do Fernando. A 4.ª de 500\$00 para o «Lar da Graça» e este desabafo:

«Tenho imensa pena de não poder mandar mais depressa mas não me é possível, pois a vida está muito difícil. O dia em que a casa esteja pronta e entregue a uma família pobrezinha, será o dia mais alegre da minha vida.»

Muito vos agradeço as orações pelo meu filho. Tenho a grande alegria de vos dizer que ele ficou bom e sem defeito algum. A misericórdia de Deus é infinita!... Toda a vida é pouca para agradeceresta grande graça.

É de Porto Alexandre. Eu sei quase de vista quanto por lá «a vida está difícil».

Outro casal:

«Junto envio o vale de correio na



LAR DO PORTO

Em tempos, vim à presença dos meus estimados leitores, comunicar que a nossa biblioteca estava a progredir a olhos vistos e, ao mesmo tempo, pedir os livros que em vossas casas estivessem amontoados, aos cantos. Até ao momento nada recebemos, pelo que uma vez mais venho lembrar que os nossos rapazes têm absoluta necessidade de ler livros culturais e de formação moral e mesmo leituras recreativas.

x x x

Aqui temos duas classes de estudantes: diurnos e nocturnos. Estes últimos têm, durante o dia, o seu trabalho e à noite instruem-se para com mais facilidade triunfarem na vida. São eles: Manuel Lopes, Manuel Teixeira, Alberto de Almeida, Francisco Carneiro e António Limões e outros novos que este ano se irão matricular nas Escolas Comerciais e Industriais. Todos eles cumpriram uma vez mais o seu dever.

Após os exames a que foram submetidos, constatei que os supracitados, à excepção do António Limões, empregado no Banco Nacional Ultramarino, tinham ficado bem e as suas médias foram muito elevadas, o que nos deixa antever o grande esforço que eles aplicam para se valorizarem e serem alguém no futuro. A todos estes meus prezados colegas expresso os meus votos das maiores prosperidades e êxitos escolares e que continuem lutando com denodo, para que, no

futuro, a Obra possa colher os frutos dos seus frutos e se possa orgulhar destes seus filhos.

x x x

E agora meus presados leitores, chegou o momento de Vos relembra o frigorífico que há tempos, foi falado nestas colunas. Não é capricho, é uma absoluta necessidade que nos leva a fazer este pedido.

No Bolhão, dão-nos carnes e peixe que se estraga a cada passo por não termos um lugar fresco onde se possa guardar e acabamos por deitar fora.

Na era em que nos encontramos, é inadmissível não termos um frigorífico; mas, como não temos dinheiro, ficamos esperançados na boa compreensão dos nossos estimados benfeitores que, estou certo, me hão-de ouvir.

E nada mais por hoje, presados leitores, daqui expresso, em nome da rapaziada, os meus agradecimentos e que tudo o que por nós fizerem seja em nome do Senhor.

x x x

Temos recebido, ultimamente, do nativos que, embora muito modestos, nos têm feito muito jeitinho. De um anónimo 50\$00, mais 21\$00 do senhor Carmelo por intermédio da Rádio Renascença e ainda uns tostõesinhos de outra anónima. São destas pequeninas migalhas que nós necessitamos. São elas que nos fazem ricos e nos fazem viver! A todos muito obrigado e que Deus lhes pague.

Alberto de Almeida

Nota da quinzena

«Tome lá e não diga nada no jornal». Desta vez também foi assim. Vamos guardar silêncio do que nos deu, mas não podemos deixar de falar da *virtude* escondida por detrás daquele dar.

Era uma mulher simples, de rosto queimado e mãos calejadas do trabalho. Era mãe de um rancho de filhinhos. A sua fala dizia-nos donde vinha. Aproxima-se, puxa de uma saqueta escondida no seio e «tome lá e não diga nada no jornal». Impressionou-nos aquele dar e quisemos saber mais alguma coisa. Muito a custo, como quem tem medo, foi-nos contando parte da sua vida. O homem é pescador. Naquela hora, dizia, estava no Mar Alto. Os filhos ficaram em casa.

pequena importância de 100\$00 que se destinam, conforme meu desejo e do meu marido, ao «Património dos Pobres», pois casamos no passado dia 7 e como Deus nos ajudou para podermos ter a nossa querida casa assim nós desejamos, embora com poucas possibilidades, de ajudarmos aqueles que têm menos do que nós.»

Ora aqui está espírito da nova Lei. Antigamente era: — «não farás aos outros o que não queres que te façam». Cristo, porém, não é de negações. Sem desdizer a lei antiga, diz agora muito mais: «farás aos outros o que queres que te façam». Este feliz casal entendeu a mensagem cristã: ...« Como Deus nos ajudou... assim nós desejamos ajudar...»

Ora nós sabemos muito bem como é a vida do pescador — hoje tem, amanhã não sabe se terá. E esta incerteza do pão de cada dia é, por certo, o seu maior sofrimento.

Diante deste quadro, não queríamos aceitar o que esta mulher nos dava. Era pão tirado, com tanto sacrifício, à boca de seus filhos e à sua. Neste momento chorou — *que este dinheiro que ora nos dava não lhe havia de fazer falta.*

Deu-nos vontade de ajoelhar e dar graças. Mais do que o valor das moedas e do papel, deu-nos uma grande lição de confiança na Providência.

Pai Américo falava muitas vezes na tremenda responsabilidade que sentia pesar sobre os seus ombros, sempre que em suas mãos iam cair moedas como as desta mulher.

Passados dias, nossos olhos presenciaram cena idêntica. Agora era um chefe de família. Há nove meses que não trabalhava. O que aquele homem não sofria! Sentir-se válido e não ter onde pôr a render a força de seus braços. À sua volta, os filhos e a mulher doente. Porque era bom, sofria sem revolta.

Ao cabo de tantas incertezas e esperanças, o sol voltou a entrar dentro das paredes de sua casa. Arranjou trabalho. A sua vida ia recomeçar E em que bases, meu Deus! Recebeu o primeiro mês e, louco de alegria, vem trazer-nos todo o seu ganho. Como somos pequeninos, diante destes gigantes! Que lição!

Padre Manuel António

